

"RAEWYN CONNELL SE ESTABELECEU ENTRE OS MELHORES PENSADORES DOS ESTUDOS DE GÊNERO. SEU TRABALHO SOBRE MASCULINIDADES TEM ESTADO NO CENTRO DO DEBATE ACADÊMICO E DO DEBATE PÚBLICO DAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS. A COMBINAÇÃO FEITA POR CONNELL ENTRE PESQUISA EMPÍRICA E TEORIA, ASSIM COMO SUA POSIÇÃO PRIVILEGIADA NA OBSERVAÇÃO DE QUESTÕES GLOBAIS, É ÚNICA ENTRE ACADÊMICOS."

STEVEN SEIDMAN
PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DE NOVA YORK EM ALBANY, EUA

"[CONNELL É] UMA DAS MAIS CONHECIDAS E CONCEITUADAS SOCIÓLOGAS DO GÊNERO DA ATUALIDADE."

ANA MARIA BRANDÃO
PROFESSORA DO DEPARTAMENTO
DE SOCIOLOGIA DO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE
DO MINHO, PORTUGAL

"A OBRA DE CONNELL TEM SIDO MARCADA PELO ESFORÇO DE SÍNTESE E DE ESCREVER COM CLAREZA E VITALIDADE SEM PERDER A COMPLEXIDADE DAS IDEIAS, O QUE PERMITE AO LEITOR E À LEITORA UMA COMPREENSÃO SEM SIMPLIFICAÇÕES."

MARÍLIA PINTO DE CARVALHO
PROFESSORA LIVRE-DOCENTE DA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

GÊNERO EM TERMOS REAIS

RAEWYN CONNELL

Tradução
Marília Moschkovich

nVersos

PREFÁCIO

Gênero é um assunto esquisito. É uma questão de experiência cotidiana, minuto a minuto, para toda a população. Também é tema de uma biblioteca de teorias abstratas, de controvérsias científicas e de confusão teológica. Algumas pessoas pensam que o gênero é algo totalmente fixo, outras pensam que é notavelmente fluido. Alguns pensam que o gênero é determinado pela anatomia, pelo cérebro ou por hormônios; outros pensam que ele acontece principalmente na linguagem. O Papa Bento XVI recentemente declarou que o gênero simplesmente não existe – que o que existe é a lei divina e o excelente modelo da Sagrada Família. Em contraste a isso, psicólogos/as e filósofos/as influentes têm tomado o gênero como uma base profunda da identidade, da ordem social e da comunicação.

Não tentarei resolver esses argumentos, embora eu espere que este livro ajude qualquer pessoa que os ache interessantes. O que espero conseguir é iluminar algumas partes desse vasto terreno e algumas dinâmicas de transformação que hoje são importantes – para a vida pessoal e para as sociedades contemporâneas. Uso ferramentas das ciências sociais para entender o que está acontecendo. Utilizo minha própria experiência de gênero e de política sexual para pensar sobre o que é mais relevante, e sobre as direções que devemos procurar dar a essas mudanças.

Este livro oferece uma perspectiva realista sobre o gênero, como sugere o título. Compreendo o gênero primariamente como uma estrutura, uma dimensão central de nossa vida

social. O gênero pode, claro, ser definido de muitas formas: como um papel, uma identidade, uma formação discursiva, uma classificação dos corpos, e outras mais. Mas o que faz com que qualquer uma delas tenha importância para o mundo é o que podemos fazer coletivamente com essas identidades e classificações. O que conta são nossas práticas sociais – em instituições como escolas, fábricas ou prisões, em relacionamentos íntimos de nossa vida pessoal, na mídia de massas, na internet e em igrejas e mesquitas.

Práticas sociais não acontecem sem corpos. Práticas sociais envolvem mãos que fazem, olhos que observam, peles que sentem, cérebros que raciocinam e sofrem. O gênero é corporificado, e uma parte central dessa corporificação consiste em encontros sexuais, partos e criação de crianças. Mas corpos humanos não existem fora da sociedade. Talvez nunca tenham existido, já que toda a história evolutiva dos hominídeos parece envolver grupos sociais. É certamente verdadeiro hoje em dia que nossos corpos são produzidos, crescem, desenvolvem-se ou são danificados, e eventualmente morrem, em ambientes sociais fortemente estruturados.

O gênero, pode-se dizer, é especificamente uma questão de corporificação social. Tecnicamente, o gênero pode ser definido como a estrutura de práticas reflexivas do corpo por meio das quais corpos sexuais são posicionados na história. Espero que os detalhes deste livro possam tornar essa definição mais clara.

A maior parte dos capítulos desta obra relatam pesquisas sociais sobre questões relativas ao gênero. Sou socióloga, com uma experiência considerável em pesquisas empíricas (mais especificações estão em meu website, <<http://www.raewynconnell.net>>). Já realizei pesquisa historiográfica, questionários, estudos de história de vida e estudos organizacionais. E todas essas abordagens podem ser encontradas nestes capítulos.

A pesquisa social não é fácil – pelo menos quando se quer fazê-la bem. A pesquisa de campo ou bibliográfica exige tempo e paciência, demanda pensar cuidadosamente nas evidências e requer imaginação e empatia. É um processo altamente social, em si, uma vez que o trabalho de campo implica interação com participantes (em entrevistas, por exemplo), cuja experiência e conhecimento são oferecidos como dádivas [*gift*]. Para além disso, todo/a pesquisador/a depende do trabalho realizado por outros pesquisadores/as, e a maior parte dos novos projetos em ciências sociais é feita por grupos de pesquisa, e não por indivíduos isolados. Essa tem sido a minha prática, e me sinto profundamente grata aos participantes de meus estudos e aos meus colegas pesquisadores mencionados na dedicatória e nas referências deste livro.

Não importa o quão bem fundamentada, a pesquisa social também é um campo de contestação. Temos teorias e paradigmas de pesquisa que competem entre si, e hierarquias de prestígio e influência. Talvez a hierarquia mais importante entre as que estão presentes na produção do conhecimento seja a dominação das ciências sociais europeias e estadunidenses. Como o brilhante filósofo africano Paulin Hountondji apontou, há uma divisão global do trabalho científico, em que a teoria (incluindo a metodologia) é produzida principalmente no Norte Global. A junção e a organização do conhecimento são realizadas nas universidades, institutos de pesquisa, museus, empresas e bancos de dados dos antigos poderes coloniais, que hoje são os centros da riqueza e da influência globais. O que ocorre no Sul Global é basicamente coleta de dados e aplicações práticas do conhecimento científico.

Isso é particularmente perturbador nas ciências sociais, pois significa que as experiências sociais e práticas de uma minoria privilegiada da população mundial se tornam a base da teoria, da metodologia e de generalizações que dominam a produção

de conhecimento no restante do mundo. Esse é um problema cada vez mais reconhecido. Tenho discutido a questão na área das Teorias do Sul, argumentando que a teoria produzida no Sul Global tem sido muito pouco reconhecida até hoje.

Trata-se de uma questão central, acredito eu, nos estudos de gênero. Entre as pesquisadoras e pesquisadores do gênero na Austrália, no Brasil, na África do Sul e na Índia, os nomes de Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Joan Scott e Judith Butler são amplamente conhecidos, seus textos estudados, e a pesquisa é conduzida seguindo os paradigmas dos estudos de gênero do Norte. Os trabalhos brilhantes e pioneiros de Heleieth Saffioti, Teresita de Barbieri, Fatima Mernissi, Bina Agarwal e Amina Mama – para mencionar alguns poucos nomes – não são tratados da mesma maneira. Elas são conhecidas apenas em suas regiões de origem; seus textos não são estudados em todo o mundo e seu trabalho não é visto como paradigma para as pesquisas do Norte. A experiência social pós-colonial a partir da qual escrevem é efetivamente marginalizada, embora diga respeito, de fato, à ampla maioria da população mundial.

Escrevo isso da Austrália, onde a maior parte das pesquisas empíricas deste livro foi feita. A Oceania [*Australia*] é um continente seco, pouco populoso, e lar de uma civilização local antiga. Essa civilização foi perturbada pela conquista britânica e a sociedade australiana moderna é, sobretudo, produto do colonialismo de povoamento – inicialmente da Europa, mas progressivamente também da Ásia. A colônia enriqueceu com base no pastoreio e na mineração de ouro, passou por um período de industrialização substitutiva de importações e mobilização de trabalhadores,⁸ e sob o comando do neolibe-

8 O termo *labour mobilization*, utilizado pela autora no texto original em inglês, diz respeito a políticas de Estado em que se recrutam massivamente trabalhadores sem qualificações específicas, deslocando-os

ralismo retornou à mineração, ao pastoreio e à agricultura de exportação para mercados globais. Rica, cada vez mais desigual, temerosa, patriarcal e profundamente racista, a sociedade australiana é predominantemente urbana, embora sua riqueza provenha principalmente da terra.

Em suas principais cidades, as tensões do colonialismo de povoamento têm produzido uma vívida cultura artística e intelectual, apesar do conservadorismo da sociedade – o que, espero, esteja refletido neste livro. Na geração mais recente houve uma grande reativação das culturas locais [*indigenous*] em relação à arte e ao direito à terra, um movimento feminista forte que teve conquistas importantes por meio do Estado (embora agora esteja em retirada), e um movimento gay e lésbico que transformou o debate público sobre sexualidade.

Em minha vida profissional como docente e pesquisadora em universidades, procurei levar em conta esses movimentos e as novas perspectivas de mundo que eles geram. Também tenho tido algum engajamento político no movimento de trabalhadores, nos movimentos pela paz e no feminismo. Esse engajamento tem sido formatado, é claro, pela minha própria experiência social – que é, em si mesma, tudo menos simples – como uma trabalhadora intelectual que é também uma mulher branca e transexual com um histórico de privilégio de classe (especialmente no que tange à educação), numa sociedade pós-colonial remota e em plena transformação.

para regiões onde se quer desenvolver uma indústria em geral extrativista. A escolha do termo “mobilização de trabalhadores” na tradução brasileira partiu do uso técnico da expressão em casos como o do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, órgão responsável pelo alistamento de trabalhadores oriundos, sobretudo, do Nordeste do país, para atuarem no ciclo da borracha a partir dos anos 1940.

Minha experiência, meu contexto e meu engajamento podem ser detectados nos capítulos deste livro. Ainda assim, este não é um livro autobiográfico, de maneira alguma, nem mesmo os capítulos sobre transexualidade. Trata-se de uma tentativa de criar conhecimento público – apresentar evidências, oferecer conceitos e análises que tenham alguma validade para os leitores que não compartilham de minha biografia. É aí que entram as ciências sociais: para criar um modo de conhecimento que nos dê a chance de construir conhecimento coletivamente, e de nos conectarmos atravessando vastas distâncias.

Este livro está sendo escrito na Austrália, mas será publicado no Brasil. Os dois países compartilham algumas características – o tamanho geográfico e a diversidade, a localização ao sul, a história colonial e o atual regime econômico. Também ambos têm diferenças óbvias – a língua e a composição étnica, a riqueza, a vizinhança geopolítica. Falar cruzando essas diferenças não é simples. Mas tem de ser possível, se procuramos juntar experiências e se quisermos uma chance melhor para lidar com as amplas desigualdades e os crescentes perigos de nossa época.

Estou, portanto, muito feliz com a publicação deste livro, e muito grata aos e às colegas que organizaram e completaram a tradução. Esta é a primeira edição desta obra. Embora a maior parte dos capítulos seja baseada em artigos publicados anteriormente em outras línguas, todos foram reescritos para este livro, e alguns desses textos nunca apareceram antes em outra língua. Espero que eles possam ecoar através dos oceanos do Sul.

Raewyn Connell

Sydney, março de 2013